

Povos Indigenas no Brasil

Fonte Journal do Brasil Class.: 218

Data 2 de janeiro de 1988 Pg.: 5/Caderno B

Visões das Missões

Lúcia Rito

UM soco no estômago, um grito de vida e morte, um olhar estarrecido. Não há como escapar destas sensações, presentes no trabalho de 11 artistas reunidos no Parque Lage, para expor suas visões sobre as Missões. Cada um deles encarou de uma maneira a experiência vivida no final do século 17, no Rio Grande do Sul, entre os jesuítas e os índios, depois de passar uma semana pesquisando nas ruínas o que aconteceu no período. A exposição Missões — 300 anos, a Visão do Artista — que começou em Brasília e do Rio segue para São Paulo, Porto Alegre e Buenos Aires — faz parte de um projeto inédito no Brasil: o de abrir para o artista plástico a possibilidade de refletir sobre um momento histórico ainda não esclarecido. O resultado desse mergulho no tempo é uma espécie de "arqueologia do sensível" na definição do escultor Maurício Bentes, uma releitura contemporânea de um pedaço da nossa história marcado pelo luxo, o ouro, onde as boas intenções não impediram que a corda arrebentasse como sempre do lado dos mais fracos.

Os expositores seguem estilos e tendências totalmente distintos, e essa multiplicidade de abordagens foi intencionalmente provocada pelo curador da exposição, o crítico Frederico Moraes, atual diretor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

— Ao invés de apostar numa visão harmoniosa, coerente e didática das Missões — ele diz — optamos por revelar ao público as contradições, o conflito, o paradoxo. A aventura só foi possível, na atual situação econômica do país, graças ao generoso patrocínio do grupo Iochpe de Porto Alegre, que investiu a respeitável cifra de CZ\$ 8

milhões para tornar o projeto viável. Ao obstáculo inicial de trabalhar com um tema já estabelecido, os artistas reagiram com ousadia. A maioria tinha uma idéia muito vaga do que havia acontecido. Só depois de ouvirem historiadores, arqueólogos, assistirem a filmes sobre a época e observarem o que restou de ruínas, imagens e obras do Museu das Missões, eles tiveram material suficiente para voltar ao ateliê e trabalhar.

— O que me marcou mais foi a idéia do massacre, os vestígios ainda evidentes na missão de São Miguel de que algo muito trágico aconteceu — diz Daniel Senise, que preparou três telas mostrando sua visão dilacerada da época.

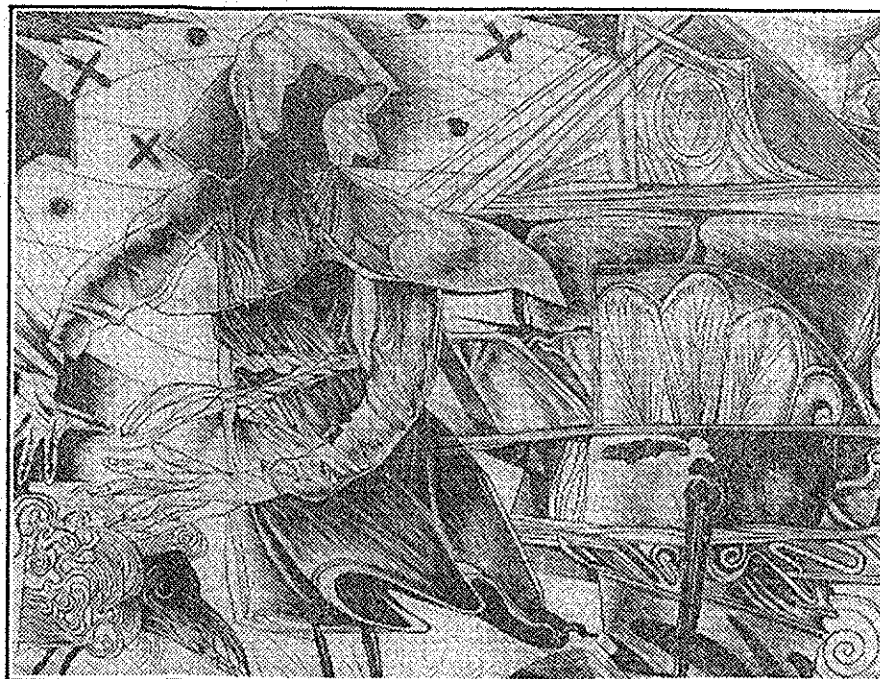
Gildo Meirelles, autor da instalação mais arrojada da exposição — 36 metros quadrados, onde se misturam 2 mil ossos, 700 hóstias e 600 mil moedas — foi radical na escolha do material.

— Quis usar uma matéria-prima que também fosse simbólica, passasse uma idéia de ambigüidade — revela. O artista conseguiu os ossos em São Paulo, as moedas na Casa da Moeda e as hóstias numa loja de material litúrgico, um trabalho que consumiu CZ\$ 600 mil e vai provocar comentários.

O gravador Rubem Grilo também ficou impressionado com a violência, e sugere pequenas pistas da tragédia com 16 pequenas gravuras que desembocam numa maior, "onde o espectro de um jesuíta, um índio jorrando sangue pela boca e sinais evidentes de destruição revolvem um espaço perdido".

Sem abrir mão de sua linha de trabalho, cada artista encontrou uma forma de denunciar o massacre. O escultor Maurício Bentes ficou à vontade para usar o ferro, seu material preferido.

Os livros-esculturas de Jacques Bedel de resina de poliéster quando abertos revelam o calvário guarani



Rubem Grilo preparou 16 pequenas gravuras que funcionam como pistas da tragédia e desembocam no espectro de um jesuíta

— As ruínas de São Miguel têm cor de ferro, as pedras cupim usadas na construção eram formadas por minérios de ferro — explica. — Daí elaborei quatro esculturas retangulares rasgadas por luz fluorescente, esculturas para serem pisadas e transmitirem a mesma sensação que senti. O trabalho também faz referências à planta baixa das missões, as primeiras cidades feitas com um planejamento urbano racional, descobriu Maurício.

Ao entrar no casarão do Parque Lage, o público não ficará indiferente. Além de material da época, há um vídeo-instalação de Rafael França e fotos de Luís Carlos Felizardo retratando a arquitetura de São Miguel; desenhos de Ester Grinspun relacionando a cerâmica indígena às formas arquitetônicas, hologramas de Moisés Baumstein mostrando a visão dos índios sobre o tema. Há ainda um trabalho de multimídia de Vera Barcelos, multiplicando imagens de santos barrocos, xilogravuras de Lívio Abramo, artista brasileiro que vive no Paraguai, e três livros-escultura em resina de poliéster, do argentino Jacques Bedel, que abertas sugerem o calvário guarani.

Daniel Senise vai provocar impacto com três telas como esta onde a ogiva revela o princípio básico da catedral



Comuna índia

A intenção parecia ser a melhor possível: reunir os índios guaranis em cidades, com garantia de casa, comida e trabalho, dando-lhes em troca a chance de se libertarem dos bandeirantes. O plano de fundo era a catequese dos jesuítas, e no final do século 17 o que parecia utopia virou realidade: pelo menos 30 missões se espalharam nas fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai, sete delas no Rio Grande do Sul. A idéia vinha da palavra latina *reducere*, que quer dizer conduzir, e durante nove anos as reduções prosperaram. A agricultura da erva mate e a criação de gado constituíam a base das Missões, e os índios eram proprietários da terra. Com a assinatura do tratado de Madri, em 1750, a Espanha cedeu a Portugal os Sete Povos das Missões (atual Rio Grande do Sul), recebendo em troca a margem esquerda do rio da Prata. Foi o suficiente para que o sonho virasse pesadelo. Em 1759, os exércitos de Portugal e Espanha se uniram, exterminaram os guaranis e expulsaram os jesuítas da região. Alguns historiadores viram na experiência uma forma primitiva de comunismo, outros, uma forma de teocracia. Mas as transformações culturais resultantes do contato entre os padrões e os guaranis nunca foram contestadas. E o significado real das Missões continua polêmico 300 anos depois.

Gildo Meirelles preparou uma instalação onde o clima de religiosidade e carnificina fica evidente com o uso de ossos, moedas e hóstias

